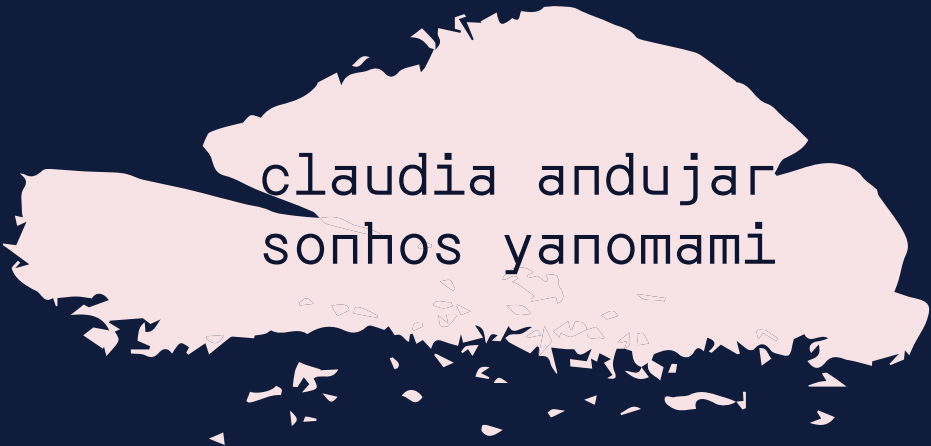


claudia andujar
sonhos yanomami



claudia andujar
sonhos yanomami

exposição

13 jun – 22 set 2024

curadoria

Cauê Alves

Sesc Ribeirão Preto

R. Tibiriçá, 50

Tel.: 16 3977 4477

sescsp.org.br/ribeiraopreto

mam 



Sonhar como pauta coletiva

Conjunto vivo que conecta experiências entre os seres e a terra, o território para os povos originários existe para além das linhas físicas. Nesse sentido, ocupa um espaço simbólico como ancestralidade e enraizamento, na contramão do que dita o alegado progresso das sociedades ocidentais. Representado pelo avanço tecnológico e financeiro, impõe severos custos aos indígenas, como conflitos territoriais e deslocamentos, os quais rompem com o equilíbrio das estruturas sociais e simbólicas de diversas comunidades.

Encontrando ressonância em artistas engajados socialmente, as denúncias sobre tais violências podem ocorrer a partir de olhares sensíveis e ativistas. Ao problematizar questões socioambientais afetadas pela expansão voraz de práticas exploratórias, típica da sociedade contemporânea, tais personagens unem-se à reivindicação de direitos e trabalham pela difusão dos aspectos culturais dos povos implicados. Esse olhar de preservação guia a fotografia de Claudia Andujar, artista que dedicou vida e obra à defesa dos direitos indígenas sobre a demarcação de terras.

Sonhos Yanomami vem a público em uma parceria entre o Sesc e o MAM – Museu de Arte Moderna de São Paulo, e aborda o espaço do onírico para os Yanomami. População que vive na região fronteira entre Brasil e Venezuela e que é alvo permanente do garimpo ilegal, tem nas imagens criadas durante o sonho a perspectiva de um transbordamento de realidade, vinculando o indivíduo a um cosmos amplo e coletivo, inerente às dinâmicas de sua existência.

Em um momento histórico, no qual identidades e ecossistemas inteiros são ameaçados, realizar uma exposição que nos possibilite sonhar conjuntamente aos Yanomami torna-se essencial para a ação cultural. Por meio da celebração da diversidade e da defesa de direitos dos povos originários, imagina-se possível um futuro de conservação dos territórios e da salvaguarda de memórias e costumes, patrimônios para a espécie humana.

Luiz Deoclecio Massaro Galina
diretor do Sesc São Paulo



Sonhos Yanomami

A trajetória de Claudia Andujar (Suíça, 1931), que fugiu da perseguição nazista durante a Segunda Guerra Mundial, revela o modo como conflitos políticos interferem na vida de diversos povos. A artista chegou ao Brasil em 1955, país em que vive até hoje e onde se naturalizou em 1976. Sua vida é marcada pela luta por demarcação de terras Yanomami e por uma série de ensaios fotográficos dedicados aos povos indígenas no Brasil. Claudia Andujar se identifica com a vulnerabilidade do povo Yanomami e nos ensina que o outro é aquele que nos ajuda a entender quem somos.

A série *Sonhos Yanomami*, de 2002, foi elaborada a partir de seu acervo de imagens, da sobreposição de cromos e negativos realizados desde 1971, ocasião de sua primeira viagem para a bacia do rio Catrimani, em Roraima, território Yanomami homologado pelo governo brasileiro apenas em 1992. Trata-se de uma obra do período maduro da artista, que já possuía grande intimidade com a cultura do povo que a acolheu.

As imagens revelam algo dos rituais dos líderes espirituais Yanomami e a importância do sonho em sua cosmologia. Os xamãs, diferente dos demais, se deslocam durante o sonho na companhia dos espíritos, dos xapiri, que podem trazer conhecimento, cura e proteção para a comunidade. O sonho, longe de ser um fato banal que é esquecido depois de despertarem, é uma conexão profunda com os espíritos, que viajam para além do céu, da terra e do mundo subterrâneo, e voltam com ensinamentos sobre o que viram.

O trabalho de Claudia Andujar se comunica com a cosmologia Yanomami e sua sabedoria ancestral por meio de imagens. Corujas, garças, macacos e retratos de indígenas se mesclam com luzes, texturas de pedras e árvores, resultando em fotografias fantasmagóricas dos sonhos de um povo com uma cultura sofisticada.

No período em que foi revelado ao mundo mais um genocídio contra os Yanomami, cometido entre 2019 e 2022, devido ao incentivo ao garimpo ilegal e ao uso de armas, a mostra adquire um caráter simbólico para dar visibilidade aos valores indígenas. Essa também é uma história de aproximadamente 50 anos: os Yanomami vêm sendo dizimados ao menos desde 1973, quando houve a construção da Rodovia Perimetral Norte (BR-210) e a abertura de dezenas de pistas de pouso de aeronaves.

A sobrevivência dos Yanomami, além de uma questão humanitária, assegura a proteção da floresta, a sustentabilidade ambiental e a vida no planeta. Os xamãs, os únicos que conseguem sonhar mais longe e ouvir as vozes dos espíritos da floresta, impedem a queda do céu, sustentado pelos xapiri, que mantêm o equilíbrio e a ordem do universo. O fim do mundo, o desabamento do céu, ocorrerá quando a floresta for exterminada e o último xamã morrer. O tempo para reverter a grande catástrofe está se esgotando.

Cauê Alves

curador-chefe do MAM São Paulo



Fotos:

1- Sem título

2- *O poder da água* (detalhe)

3- *Desabamento do céu / O fim do mundo*

Claudia Andujar (Neuchâtel, Suíça, 1931)

Série *Sonhos Yanomami*, 2002/2023, sobreposição de cromo digitalizada, impressão com tinta mineral pigmentada sobre papel Hahnemühle Photo Rag Baryta 315 g/m², 66 x 100 cm. Coleção MAM São Paulo, doação Alfredo e Daniela Villela, 2023.

Considero a série Sonhos Yanomami um turning point em minha experiência com os Yanomami. As imagens que compõem a série revelam os rituais xamanísticos dos Yanomami, sua reunião com os espíritos. A partir de sua criação, eu comecei a conceber uma interpretação imagética acerca dos rituais, fato que me deu acesso à genealogia do povo, aglutinando aspectos da cultura e dissolvendo as fronteiras entre os seres humanos, seus deuses e a natureza, integrando todos em um fluxo contínuo.

A fotografia é minha forma de comunicação com o mundo. Um processo de mão dupla em que você recebe tanto quanto dá. Se o registro fotográfico de culturas pode ser considerado uma forma de compreensão do outro, eu acredito que com a série Sonhos eu consegui entender a essência do povo Yanomami.

Claudia Andujar

Extrato da entrevista publicada na ocasião da exposição Identidade, Fondation Cartier, Paris (2005).

Claudia Andujar nasceu em Neuchâtel (Suíça), em 1931. Após a Segunda Guerra Mundial, imigrou para os EUA e, em 1955, imigrou para o Brasil. Desde então, a artista vive e trabalha em São Paulo. Durante a década de 1970, Andujar recebeu bolsas da John Simon Guggenheim Foundation e da Fundação de Apoio à Pesquisa (FAPESP) para fotografar e estudar a cultura Yanomami. De 1978 a 2000, Andujar trabalhou para a Comissão de Pró-Yanomami e coordenou a campanha para a demarcação do território Yanomami na Amazônia, criado em 1993. Em 2000, ela recebeu o Prêmio Anual de Liberdade Cultural [Fotografia] como defensora dos Direitos Humanos da Lannan Foundation, no Novo México (EUA). Em 2003, recebeu o Prêmio Severo Gomes da Comissão Teotônio Vilela de Direitos Humanos, São Paulo (Brasil), e em 2005, o Prêmio de Fotografia da APCA [Associação Paulista dos Críticos de Arte], pela exposição *Vulnerabilidade do Ser*, realizada na Pinacoteca do Estado de São Paulo. Em 2008, foi homenageada pelo Ministério da Cultura com a Ordem do Mérito Cultural 2008. Em 2010, recebeu o Prêmio Kassel Photobook Award pelo livro *Marcados* (CosacNaify), em Kassel, e em 2018 a Goethe-Medaille 2018, em Weimar, ambos na Alemanha.

realização

Sesc mam